Capítulo 1

Citação e destacabilidade em *blog* de comentários políticos: uma análise discursiva

Samuel Ponsoni e Laura Vitor Resende

INTRODUÇÃO

O vocábulo *blog*[1] é uma criação recente. Trata-se de um termo criado a partir do neologismo *blogosfera*, que faz referência não só aos textos publicados nesse suporte, mas também aos diversos *links* que dão acesso a outros *blogs*. As marcas que estão incorporadas a esse gênero textual-discursivo[2], em um suporte virtual de Internet, são, sobretudo, a facilidade de acesso a seu conteúdo e a frequência de suas publicações, geralmente diárias.

Os *blogs* permitem que qualquer pessoa com um mínimo de trânsito em informática possa postar textos, imagens, fotografias, comentários sobre si etc. Além disso, é bastante interativo, isto é, sua configuração permite que os leitores comentem o que foi postado pelo autor quase simultaneamente. Ademais, ele possibilita verificar o grau de circulação do conteúdo, ou seja, se houve bastantes acessos ou não e comentários, de modo a pesar e medir como foi a interação com a página.

---

1 Para uma história bastante detalhada desta palavra, *C.f.* SERFATY, V. *The mirror and the veil: an overview of American Online Diaries and Blogs*. Amsterdam, New York, Rodopi, p. 19-22, 2004.

2 Mesmo que a noção de gênero textual-discursivo não seja objeto de análise nesta pesquisa, não podemos deixar de entender gênero como pressuposto básico de interação linguageira. E essa pressuposição basilar está muito ligada à compreensão de Mikhail Bakhtin sobre gêneros. De forma bastante resumida, Bakhtin (1997) define que as bases construtoras da linguagem estão nos enunciados concretos construídos dialogicamente na comunicação e interação entre homens e a realidade social em que eles vivem. Esses enunciados são ancorados em gêneros do discurso, os quais se apresentam sob três constituintes básicos, a saber; conteúdo temático, estilo e construção composicional. Essas três bases constituintes "fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação" (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Outra característica é que o *blog* inverte a cronologia das postagens, pois permite que os leitores tenham acesso às entradas mais recentes primeiro, ao passo que as mais antigas são automaticamente arquivadas.

No tocante aos aspectos linguístico-enunciativos, essa plataforma reproduz um modelo de enunciação que tende a se transformar em norma-padrão na Internet, a escrita oralizada. Essa variedade é construída num tom bastante informal, com uso, a depender do destaque do *blog*, de mais ou menos recursos linguísticos abreviados, ligados ao contexto virtual, entre outras questões.

Os *blogs* de comentários políticos, sobretudo aquele que elegemos como objeto de análise – Blog do Josias de Souza – organizam-se de uma forma bastante diferente dos pessoais. Têm uma arquitetura que se assemelha muito ao de um *site*, isto é, um leiaute com diversas seções que dão acesso às mais variadas páginas. Se diferenciam também no aspectos linguístico-enunciativos, pois, ao contrário de *blogs* pessoais, os de comentários políticos primam por uma escrita mais próxima à escrita jornalística tradicional, com um grau maior de formalismo no uso da linguagem.

Mais ainda: a autoria dos *blogs* individuais, geralmente, é de uma pessoa que não tem formação em jornalismo ou ligada aos temas de que se dispõe a falar; em contraste com os de comentários cujos autores são majoritariamente jornalistas[3] e/ou especialistas nos temas sobre os quais dissertam.

3 Cumpre dizer que, no Brasil, pela regulamentação de profissões de nível superior, o ofício de jornalista não necessariamente precisa de um curso de graduação em jornalismo. O jornalista também é aquele que se faz pelo exercício da profissão, contabilizando a prática do trabalho.

Com efeito, o escolhido como objeto de estudo da pesquisa[4] é o Blog do Josias de Souza, hospedado no *site* "Universo Online – UOL". A escolha se deu porque ele se encontra no maior portal de Internet do país e manteve uma regularidade de postagens durante todo o período das eleições presidenciais brasileiras de 2010 e de 2014, entre os meses de julho e outubro dos respectivos anos. Por isso, nesse espaço de circulação textual-discursiva, obtivemos dados bastante sólidos para compreender o fenômeno discursivo de utilização da comunicação política.

O *blog* eleito para a análise está hospedado na seção UOL – Notícias, *Blogs* e Colunas. No *link* estão hospedados, ao todo, 22 *blogs*. Todavia, somente cinco tratam diretamente de política. Os outros 17 transitam pelos mais diversos assuntos, tais como economia, esporte, ciência, tecnologia, cotidiano etc.

O autor é um jornalista da *Folha de S. Paulo*. No "sumário", embaixo dos *links* de acesso, está a foto dele, o nome do *blog*, a chamada do assunto sobre o qual comenta e outras manchetes. Junto ao último *post* está a data de publicação, o horário, um ícone indicando quantos comentários e o botão para compartilhar em redes sociais, como Facebook, Twitter, Linkedin e outras. Ele pode ser acessado tanto pela fotografia do seu autor quanto pelo nome ou chamadas. Todos os *links* enviam o leitor diretamente ao Blog do Josias de Souza cuja página inicial pode ser vista na figura 1.

4 Pesquisa fomentada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Fapemig/UEMG). A pesquisa, além disso, foi bastante desenvolvida nos espaços de debates do Grupo de Pesquisa Laboratório Interdisciplinar de Comunicação, Discurso, Acontecimento e Memória (Labiam – UEMG/CNPq).

Figura 1 – Blog do Josias de Souza.
Fonte: arquivo da pesquisa[5].

Com um design atualizado, todas as seções estão dispostas na horizontal. O nome, "Blog do Josias", aparece em letras brancas no interior de uma imagem (que também é um *link* de acesso ao *blog*) com o fundo azul, contendo a fotografia do autor e um jornal do lado esquerdo. Abaixo, ainda do lado esquerdo, há outra imagem que dá acesso à página do jornalista no Facebook e está escrito "Blog do Josias", "Curtir", "71 Mil Curtidas". Mais abaixo, encontramos "@blogdojosias no Twitter". Ao clicar, você é direcionado para o perfil do autor nessa rede social. Descendo a página, há pequenas chamadas de notícias atuais, imóveis, sociedade etc. que levam a outros *blogs*.

Ao rolar um pouco mais para baixo, vê-se um breve perfil do autor, com outra foto de Josias, tirada em uma biblioteca, na qual o jornalista está

5 Disponível em: https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br. Acesso em: 5 fev. 2018.

vestido com uma camiseta e um blazer pretos, indicando um estilo mais moderno, de acordo com o momento. A seção "Sobre o autor" traz o seguinte texto: "Josias de Souza é jornalista desde 1984. Nasceu na cidade de São Paulo, em 1961. Trabalhou por 25 anos na 'Folha de S.Paulo' (foi repórter, diretor da Sucursal de Brasília, Secretário de Redação e articulista). Leia mais".

Além disso, há um "Sobre o blog" com o texto:

> A diferença entre a política e a politicagem, a distância entre o governo e o ato de governar, o contraste entre o que eles dizem e o que você precisa saber, o paradoxo entre a promessa de luz e o superfaturamento do túnel. Tudo isso com a sua opinião na caixa de comentários.

Segundo o entendimento do jornalista, ele mostra "o que você precisa saber", levando em consideração que ele se coloca como uma espécie de leitor da mente dos políticos e das notícias políticas, traduzindo e interpretando para o público.

Ao fazer isso, ele se constitui em um aforizador (um jornalista, um blogueiro, um professor etc.), que pode ser responsável pela "des-textualização" de um texto, uma matéria, uma postagem. Ou seja, se responsabiliza por retirar um enunciado de sua origem (de outro espaço ou gênero de discurso) e utilizá-lo em outros contextos. Ademais, ele enfatiza a possibilidade de seus leitores contribuírem com sua opinião, deixando comentários, o que os faz acreditarem que serão realmente escutados.

Já na caixa de "Busca", o leitor tem a possibilidade de encontrar determinada postagem utilizando uma palavra-chave ou, ainda, procurar a notícia que deseja no "Histórico por data", onde há um calendário com datas de todas as postagens. No "Top 5 Mais comentados", há as cinco postagens mais comentadas recentemente. Em "Categorias", é possível acessar diretamente uma categoria, como entrevistas ou vídeos. Essas entrevistas são realizadas com os mais variados atores políticos brasileiros: ministros, senadores, deputados etc. e, geralmente, são acompanhadas de fotografias dos entrevistados, principalmente de seus rostos.

Em "Recomendados", vê-se uma caixa que direciona para o site da Transparência Brasil, uma entidade sem fins lucrativos de monitoramento do poder público e busca por transparência. O que pode ser visto como mais um sinal de "vericidade" do jornalista, já que ele preza pela "transparência". Na categoria "*Blogs*", há *links* para páginas de outros jornalistas e parceiros de Josias no UOL. E, por último, no "Siga UOL Notícias", encontramos ícones que direcionam para as redes sociais do portal.

Diante do exposto, ao utilizar um *blog* de circulação nacional como objeto de estudo – um espaço no qual se debatem temas políticos por meio de ferramentas tecnológicas que possuem forte presença na sociedade – busca-se compreender melhor o papel de tal ferramenta na construção de interpretações políticas, sobretudo em um período bastante sensível aos debates públicos do objeto político.

No entanto, esse gesto interpretativo-analítico foi feito por meio da compreensão dos direcionamentos de sentido utilizados nos destacamentos feitos das falas dos atores políticos, na ocasião, candidatos à

presidência. Mais ainda, essa análise se baseia na teoria discursiva das frases sem texto de Dominique Maingueneau (2010, 2014).

Portanto, analisamos o papel que o Blog do Josias de Souza ocupou nas eleições presidenciais de 2010, buscando compreender como é o recorte que o autor faz das falas dos candidatos a presidente do Brasil, Dilma Rousseff e José Serra, se aparecem inteiras ou em partes, e qual a influência na dinâmica interpretativa das notícias.

Descrevemos-interpretamos, com base na metodologia da Análise do Discurso (AD) francesa pecheutiana, como o autor destaca as falas dos candidatos de seus contextos originais e as coloca a circular em forma de manchetes, intertítulos, destaques, entre outros. E, finalmente, são examinadas as maneiras com que essas falas são "destextualizadas" de seus contextos originais e submetidas ao regime enunciativo da aforização, que cria uma ampliação ou redução dos sentidos e efeitos de sentidos colocados em circulação nos direcionamentos desse regime enunciativo de destacamento aforístico.

A QUESTÃO TEÓRICA QUE EMBASA ESTE TRABALHO

Dominique Maingueneau é quem propõe a teoria das frases sem texto que baseou o desenvolvimento da pesquisa. Segundo o autor francês, a força motriz das relações discursivas da comunicação política se dá na enunciação aforizante, uma espécie de estatuto enunciativo em que "frases sem texto" prescindem dos textos em que surgiram para circular e criar efeitos de sentido. Ainda segundo Maingueneau (2010, 2014), existe um processo na construção da comunicação midiática

contemporânea de destacar enunciados e fazê-los circular (modificados/transformados ou não) em novas arenas discursivas.

Embora atualmente sejam referência para compreensão dos diversos fenômenos de linguagem, as chamadas "frases sem textos" são autônomas e independentes, de certa forma, do texto que lhes serve de base. Sobre isso, Maingueneau (2010, p. 9) afirma que "poucas pessoas hoje contestariam a ideia de que o texto constitui a única realidade empírica com a qual o linguista lida: unidades como a frase ou a palavra são necessariamente retiradas de textos". E esses textos circulantes, por sua vez, remetem a gêneros de discurso que funcionam como parâmetro para todas as comunicações verbais humanas pensáveis e plausíveis numa dada formação sócio-histórica, ao encontro de uma conjuntura de produção histórica de sentido.

Entretanto, a concepção de textos como formas básicas de estudo não está livre de questionamentos quando o que se investiga são práticas discursivas da mídia, esfera de comunicação em que prevalecem enunciados curtos, geralmente constituídos de uma única frase, que circulam fora do texto. Maingueneau (2010) chama de "enunciados destacados" os *slogans*, máximas, provérbios, títulos de artigos da imprensa, intertítulos, citações célebres etc. Ele ainda diferencia duas classes de enunciados, segundo a natureza de seu "destacamento": 1) os constitutivos, que são enunciados "naturalmente" independentes de uma circunstância histórica e de um contexto (fórmulas sentenciosas, provérbios, *slogans*, divisas etc.) e 2) os destacados por qualquer extração de fragmento de texto segundo a lógica de citação, ou seja, um trabalho deliberado de retirada de trechos a serem circulados fora do original.

Mas a extração não se exerce de maneira indiferenciada sobre todos os constituintes de um texto, pois frequentemente o enunciador "sobreassevera" alguns de seus fragmentos e os apresenta como "destacáveis". A sobreasseveração é uma modulação enunciativa que habilita formalmente um fragmento como candidato a uma "destextualização", isto é, um procedimento operacional de destaque do trecho em relação ao restante dos enunciados. Além disso, há outra instância enunciativa em que Maingueneau (1997, p. 92) distingue a sobreasseveração da aforização, uma vez que cada uma delas funciona segundo uma lógica própria.

Enquanto a sobreasseveração se dá pela acentuação de uma sequência contra um fundo textual, a aforização extrai os enunciados e põe-nos a circular fora dele, em outras cenas de enunciação. Não se trata apenas de uma diferença de forma: por exemplo, para a sobreasseveração, há marcas explícitas de citação do discurso do "outro" no fio do discurso do "eu", como o uso de conjunção integrante mais verbo *dicendi*, travessão e aspas para o texto; e, para a aforização, marcas implícitas de citação, como o discurso indireto livre.

Assim, a aforização ressignifica a citação, uma vez que não se trata mais de representar a voz do outro, mas de apresentar outra verdade, que passa a ser a única saturada e possível, produzida em outro lugar a partir do contato com uma fonte maior, moral e eticamente. O esquema a seguir representa as duas ordens enunciativas propostas pelo autor.

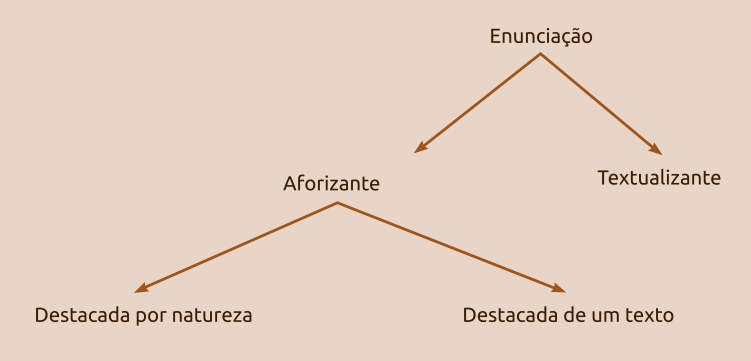


Figura 2 – Esquema vetorial do funcionamento enunciativo.
Fonte: MAINGUENEAU, 2010, p. 13, adaptação nossa.

Notamos que, no esquema, Maingueneau (2010) propõe duas ordens de enunciação: a enunciação textualizante e a enunciação aforizante. A enunciação aforizante pode ser "destacada por natureza" e "destacada de um texto". Ela se diferencia da enunciação textualizante em vários aspectos: por exemplo, enquanto a textualizante define posições correlativas de produção e recepção e tem papéis específicos para o enunciador e o enunciatário, negociados em conformidade com a cena genérica; a aforizante prescinde de posições correlativas e estabelece uma cena onde o locutor, um sujeito jurídico e moral, fala a uma espécie de auditório universal.

Se a enunciação textualizante inclui jogos de linguagem de diversas ordens – como argumentar, narrar, perguntar, responder etc. –, a aforizante pretende apresentar o pensamento do locutor como a verdade soberana, para além desses jogos. A textualizante estratifica os planos enunciativos e varia segundo os gêneros, suportes e modos

de circulação, e a aforizante tende à homogeneização e não é afetada por condicionantes.

A enunciação aforizante pretende ser pura fala e, ainda, "implica a utopia de uma fala viva sempre disponível" e repetível, ao passo que a textualizante ultrapassa a dimensão propriamente verbal e, além disso, desfavorece a memorização. Mediante aforização, o locutor busca se colocar além dos limites condicionantes e restrições de um determinado gênero de discurso.

> [O] « aforizador » assume o *ethos* do locutor que fala do alto, de um indivíduo em contato com uma Fonte transcendente. […] Trata-se, fundamentalmente de fazer coincidir *sujeito da enunciação* e *Sujeito no sentido jurídico e moral*: alguém se coloca como responsável, afirma valores e princípios perante o mundo, dirige-se a uma comunidade que está além dos alocutários empíricos que são seus destinatários (MAINGUENEAU, 2010, p. 14-15).

Assim sendo, quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, como em um título de uma matéria na imprensa, converte-se *ipso facto* seu locutor original em aforizador que, como sujeito, "diz o que é, não no instante, mas na duração atemporal do valor" (MAINGUENEAU, 2010, p. 14-15).

De maneira geral, para o teórico francês, a ideia central da problemática da aforização é a de que as "frases sem texto" prescindem de textos e gêneros para circular, de modo que elas sejam completamente independentes. No entendimento de Maingueneau (2010), é essencial entender que a enunciação aforizante tem um modo de funcionamento enunciativo próprio que difere da ordem textualizante na qual estão

inscritos os textos e os gêneros, ademais, as diferentes ordens estão em constante tensão, que pode ser mais ou menos forte. Dito de outra forma, o cerne da questão é a tensão que se estabelece entre a aforização e o todo textual que a acolhe.

Partindo também das teorias de frases sem textos e de seus conceitos, buscou-se compreender o papel dos discursos midiáticos em nosso cotidiano. Como esses textos postos a circular (fragmentados, adaptados, inteiros ou aos pedaços) podem influenciar ações e pensamentos de eleitores, por exemplo. Para isso, o estudioso propõe alguns conceitos: destacabilidade, aforização e sobreasseveração.

Atualmente, fala-se muito em "neutralidade", "imparcialidade", mas é possível notar que discursos são carregados de interpretações e ideologia. O papel da mídia é destacar enunciados e colocá-los em circulação (modificados/transformados ou não) em novas arenas discursivas.

Maingueneau (2014) propõe que as frases sem textos mantenham com o texto uma relação tensa, como se quisessem saltar para fora dele e, consequentemente, das condições de produção.

Segundo o autor, com relação a destacabilidade não basta apenas constatar que certas frases foram destacadas de um texto, deve-se levar em consideração também como elas se apresentavam antes do destacamento. As sobreasseverações são as modulações que autores de *blogs* e jornalistas fazem sobre as falas de seus entrevistados, criando um dizer sobre outro dizer, de maneira direcionada. Este é um ato muito comum da mídia contemporânea, que está sempre retomando essas "pequenas frases" em seus canais de informação, como os jornais, os *blogs* etc. Deve-se distinguir o destacamento forte do destacamento

fraco. Sendo que, no primeiro, implica-se que há uma separação do texto-fonte, enquanto no segundo, a frase destacada fica mais próxima à original de onde foi destacada (MAINGUENEAU, 2014).

"Na imprensa escrita, como nos *sites* da *web*, as sobreasseverações são candidatas naturais ao destacamento fraco, na forma de manchetes, de intertítulos, ou de legendas de fotos" (MAINGUENEAU, 2014, p. 16). No caso dos destacamentos fortes, geralmente, o texto-fonte não está acessível ao seu leitor ou ouvinte, a menos que faça uma pesquisa aprofundada.

A aforização ressignifica a citação, apresentando outra verdade que passa a ser única, tenta mostrar o pensamento do locutor como a verdade soberana. "A enunciação aforizante obedece a uma economia diferente da do texto. Enquanto o texto resiste à apropriação por uma memória, a enunciação aforizante se dá imediatamente como memorável e memorizável" (MAINGUENEAU, 2014, p. 25). Para o autor, uma única frase pode funcionar como aforização primária em um caso e, em outra ocasião, como uma aforização secundária. De acordo com Maingueneau (2014):

> as aforizações primárias são desprovidas de texto-fonte. Seu sentido é uma espécie de instrução sobre as condições de emprego: ele delimita *a priori* o tipo de contexto nos quais podem ser empregados, mesmo que evidentemente caiba ao locutor decidir se as condições para seu emprego estão satisfeitas (MAINGUENEAU, 2014, p. 27).

As aforizações secundárias trabalham com um contexto-fonte e um contexto de recepção. Dito de outra forma, a diferença entre as duas ordens de aforização faz surgir comentários que explicitam

deformações, mal-entendidos e deslizamentos de sentido que o contexto de recepção pode propiciar.

Em síntese, um texto é uma rede de pensamentos articulados por meio das restrições de jogos de linguagem de diversas ordens: argumentar, narrar, descrever, responder a uma pergunta, dialogar, entre outros. Já na aforização, através do enunciado, pretende-se exprimir o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem: nem resposta, nem argumentação, nem narração, mas pensamento, dito, tese, proposição, afirmação (MAINGUENEAU, 2010).

Portanto, é desse corolário teórico que serão analisados os recursos linguísticos destacados no *blog* de Josias de Souza, de onde saiu o *corpus* de análise.

METODOLOGIA

De posse do arquivo da pesquisa – textos (*posts*) diversos publicados durante o período do primeiro e do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2010 e de 2014 no Blog do Josias de Souza – fez-se um trabalho de entrada e organização nos *corpora* de pesquisa.

Para tanto, passou-se pelas seguintes etapas: a) Descrever-interpretar os protagonistas da enunciação: locutor, destinatário, enunciador, enunciatário e alvo (o acontecimento discursivo ou o ator político tematizado); b) Descrever-interpretar a temática que a enunciação veicula; c) Descrever-interpretar os procedimentos linguísticos utilizados que fazem funcionar a enunciação do discurso; d) Descrever-interpretar os possíveis efeitos que produzem nos interlocutores; e)

Descrever-interpretar como a enunciação discursiva, enquanto acontecimento discursivo, se relaciona com o acontecimento histórico que circula e quais memórias esse gesto traz à tona nos discursos.

Num terceiro momento, de posse das características linguístico-enunciativas e discursivas, foram analisados os objetos amparados por Dominique Maingueneau (2006, 2010, 2014), sobretudo no tocante à aforização. Isto é, verificou-se como o autor do *blog* "destextualiza" dos contextos e cotextos originais as falas dos candidatos Dilma Rousseff, José Serra e Aécio Neves e as submete a outros contextos e cotextos enunciativos, tais como títulos e intertítulos de *posts*. E quais sentidos e efeitos de sentido tal destextualização produz[6], fazendo-se uma espécie de "tradutor" de pensamentos, não no sentido da citação indireta livre, mas como um regime enunciativo-discursivo de aforização.

O processo metodológico apresentado como a chave "descrição-interpretação" consiste em observar a questão da descrição e da interpretação dos enunciados produzidos nos *posts* do *blog*. Dessa forma, o norte condutor para a metodologia dos *corpora* segue as premissas de descrever e interpretar, processo abordado por Michel Pêcheux (2008).

Para explicitar o procedimento, diz o filósofo que lançou a "pedra angular" da teoria do discurso na França, a apreensão da língua se dá não somente pelos elementos lógicos ou frásticos da língua, mas também por aquilo que lhe é próprio, real condição de existência, que está tanto no plano material quanto no simbólico e que, muitas vezes, escapa a

6 Em realidade, essas divisões metodológicas, expostas de forma mais didática, são justamente para demonstrar o "passo a passo". No processo de análise, essas etapas se entremisturam.

toda tentativa de tornar este real e próprio da língua algo logicamente estabilizado. Para dessa forma proceder,

> A primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. Uma descrição, nesta perspectiva, não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual descrever se torna indiscernível de interpretar: essa concepção da descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela não se instala: o real da língua. […] Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos linguistas como condição de existência (princípio), sob forma de existência do simbólico, no sentido de Jakobson e de Lacan (PÊCHEUX, 2008, p. 50).

É essa característica inescapável da língua de existir no material e no simbólico que torna crucial ao trabalho de pesquisa em análise do discurso essa questão de descrever e interpretar como uma abordagem discursiva dos objetos nos acontecimentos.

A busca do analista de discurso por objetos que orbitem nos limites do que, por convenção, se coloca como logicamente estabilizado faz-se pertinente e necessária. De modo a encontrar o que também está nesse próprio limite: os equívocos, as falhas, as rupturas, o *nonsense*, os chistes, as metáforas, as metonímias, as representações de mundos possíveis, como ora se faz no acontecimento discursivo da comunicação política.

Além do mais, essa maneira de descrição dos acontecimentos, dos conjuntos textuais, de tipos de discurso, entre outros, não se altera, exceto se existirem formas de interdição que busquem prender os sentidos em um universo logicamente estabilizado. O princípio basilar

é o de que o(s) sentido(s) de todo enunciado pode(m) derivar para outros e que todo enunciado pode ser descrito em uma série de pontos possíveis de deriva, abrindo a picada na floresta de sentidos para a interpretação. E "é nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso" (PÊCHEUX, 2008, p. 53). Esse é o espaço das disciplinas de interpretação.

Busca-se a compreensão de outros discursos, elementos linguísticos, imagens, narrativas, sujeitos, códigos, gêneros e sentidos que circulam na história social para descrevê-los e interpretá-los a partir de filiações identificadoras, como redes de memórias sócio-históricas, no momento presente ao fato analisado dos acontecimentos discursivos – sejam eles um evento, um texto, uma sentença – sempre com a possibilidade de múltiplos territórios de sentidos. Assim:

> Esse discurso-outro, enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico. E é nisto que se justifica o termo de disciplina de interpretação, empregado aqui a propósito das disciplinas que trabalham neste registro (PÊCHEUX, 2008, p. 55).

Em uma leitura mais afoita, essa questão da descrição-interpretação, que Pêcheux coloca como força-motriz dos trabalhos de análise do discurso nos acontecimentos, pode fazer crer que essas interpretações sejam as que outrora se pensaram "obras abertas". Todavia, o pensador francês chama a atenção para que essa interpretação não seja um "não importa o quê" e que, de fato, há uma questão-problema nas práticas

de análise discursiva ao determinar o momento próprio da interpretação e o da descrição.

Ao analista compete compreender que a descrição dos objetos no acontecimento discursivo coloca em evidência o jogo próprio a que os enunciados estão submetidos. Além disso, possibilita também a compreensão de lugares de furos, apagamentos, ressaltos, recalques, espaços de deriva dos sentidos, lugares vazios para encaixe de sentidos, processos históricos de significação de uma imagem, palavra etc.

É desse gesto de compreensão do discurso-outro, virtualmente presente na leitura da interpretação discursiva, que se faz a gestão dos processos históricos no discurso, tal qual se pretende aqui com a noção-conceito de acontecimentos dos discursos de comunicação política.

OBJETOS E RECORTES DE ANÁLISE

Nossos *corpora* de pesquisas estão divididos em: *Corpus* 1, referente às postagens feitas entre julho e outubro de 2010; e *Corpus* 2 que concerne aos *posts* do período entre julho e outubro de 2014. Desses dois *corpora*, retiramos os objetos textuais que serão os recortes linguísticos analisados à luz da teoria discursiva de frases sem texto de Dominique Maingueneau. Os recortes foram numerados na sequência crescente, conforme a data de postagem.

ANÁLISES PELA LEITURA DISCURSIVA

CORPUS 1: Recorte analítico 1

josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-07-01_2010-07-31.html

Serra: Dilma e o PT 'não são duas, mas várias caras'

Lula Marques/Folha

José Serra aproveitou o episódio da troca de programas de governo que o PT encenou no TSE para escalar sobre Dilma Rousseff.

O PT anexara ao pedido de registro de sua candidata um programa de governo que havia sido aprovado em congresso partidário de fevereiro.

A peça continha as teses radicais do pedaço esquerdista da legenda. Coisas como entraves à retomada de terras invadidas...

...E o combate ao "monopólio dos meios eletrônicos" de comunicação. Tudo assinada por Dilma. A candidata após sua rubrica em cada uma das páginas.

Divulgado pelo TSE, o programa ganhou a web. E inspirou uma reação subterrânea das legendas de centro-direito que integram a coligação de Dilma.

Chia daqui, reclama dali, o petismo retirou da praça o programa azedo. Com atraso de quase oito horas, substituiu-o no TSE por uma versão edulcorada.

Figura 3 – Serra diz que Dilma e PT têm várias caras.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Nesta postagem do início de julho de 2010, Josias de Souza dá o título a partir de uma fala de Serra, que se encontrava no corpo do texto. No entanto, o blogueiro faz isso não de qualquer maneira, mas sim derivado de uma sobreasseveração. Em sua fala, José Serra diz: "nós temos uma só cara, a minha cara". O título da matéria é "Serra: Dilma e o PT 'não são duas, mas várias caras'". A percepção de antecipar a fala do presidenciável pode ser entendida como uma asseveração do autor em cima da fala assertiva de Serra, colocada em citação direta. Ou seja, ele faz uma modulação acerca da frase dita pelo candidato tucano.

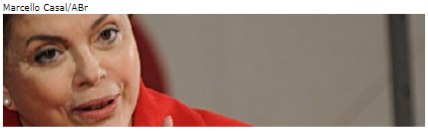
Essa forma de organizar e hierarquizar o discurso de Serra é, desde já, um direcionamento dos sentidos do discurso, através dos efeitos gerados em significações, em relação aos interlocutores. Portanto, é a partir desse gesto modulante que o blogueiro se constitui num aforizador, que traz a aforização de dizer algo além do que já foi dito ou dissimulando o que foi dito, se colocando como um locutor que fala do alto de todos os conhecimentos. O que, por sua vez, pode levar o seu leitor a ter determinadas interpretações sobre um trabalho de destacamento de "livre" opção do editor do Blog.

Essa opção, embora pareça, não segue uma ordem aleatória, e sim está atenta para a construção da narrativa que se quer dar à fala do candidato em questão. Essa narrativa o coloca de forma eufórica e sapiente, como uma palavra fiável e legítima acerca do discurso político que deseja ensejar. É Serra, e não Dilma, quem dá o tom e a última palavra, aforizada a partir da modulação do editor, acerca de como deve ser visto, lido e interpretado o partido adversário ao seu.

CORPUS 1: Recorte analítico 2

Dilma: posição de bispo não reflete opinião da CNBB

Marcello Casal/ABr



Dilma Rousseff falou, nesta quinta (22), a uma emissora de rádio de Garanhuns (PE). Provocada, comentou o artigo do bispo Luiz Gonzaga Bergonzini.

Titular da Diocese de Guarulhos, Dom Bergonzini levou à web artigo recomendando aos católicos que não votem em Dilma porque ela defende o aborto.

Primeiro, a candidata disse que a opinião do bispo anti-PT não reflete o pensamento da CNBB. Depois, declarou que o texto do prelado parte de pressuposto falso.

"Tanto eu quanto o presidente Lula não defendemos o aborto. Defendemos o cumprimento estrito da lei".

O que diz a lei? Prevê que a Justiça pode autorizar o aborto apenas em dois casos: 1. Estupro; 2. Quando a gravidez submete a mãe ao risco de morte.

A Dilma modelo 2010 é diferente da Dilma de anos anteriores. Na versão 2007, por exemplo, Dilma defendia a completa descriminalização do aborto.

É pena que a conveniência eleitoral tenha empurrado Dilma para o ajuste semântico. Nessa matéria, vale o interesse das mulheres, não o das batinas.

- Siga o blog no twitter.

Escrito por Josias de Souza às 14h46

Comentários (40) | Enviar por e-mail | Permalink

Compartilhe

Figura 4 – Dilma comenta posição de Bispo.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Esta postagem, também do mês de julho de 2010, é reflexo de uma polêmica que assolou as eleições daquele ano: a questão do aborto. O aborto clandestino é uma das maiores causas de morte materna no país. Os procedimentos são feitos, geralmente, de forma muito precária e podem chegar a custar 5 mil reais em clínicas clandestinas pelo país. Conforme dados do Ministério da Saúde, quatro mulheres morrem por dia, vítimas de complicações de abortos provocados. No Brasil, mais de 850 mil mulheres fazem abortos clandestinos anualmente. No entanto, a lei ainda é retrógada e prevê o aborto em poucas circunstâncias, de

modo que em 2010 somente casos de estupro ou de risco de morte da mãe poderiam ser feitos legalmente pelo Estado. Diante dessa realidade estarrecedora, percebe-se que o aborto é uma questão séria de saúde pública.

No texto, Josias de Souza dá título a partir de uma fala notadamente atribuída a Dilma, de acordo com os dois pontos que antecedem a citação. O que remete à figura sintático-semântica do aposto que, de forma catafórica, anuncia um pensamento a ser retocado pelo locutor do discurso.

Prosseguindo, mais à frente do texto Dilma diz: "Tanto eu quanto o presidente Lula não defendemos o aborto. Defendemos o cumprimento estrito da lei". Ela pretende dizer que eles defendem o cumprimento da lei, que permite o aborto em dois casos, conforme já dito. Porém, Josias de Souza aproveita essa brecha para retomar nas mentes de seus leitores uma memória de quando em 2007 a candidata supostamente, segundo determinados meios de comunicação, defendia o aborto.

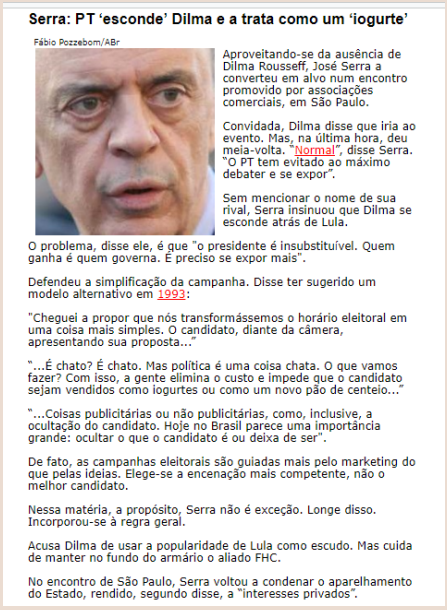
Essa é uma enunciação aforizante bastante explorada por Josias, ele está sempre retomando essa memória disponível, atualizando o "memorável" de seus leitores, de forma a gerar essa contradição no contexto de Dilma. O que causaria o desfavorecimento da candidata para com os seus (e)leitores, já que eles são pessoas, na maioria, conservadoras e tradicionalistas que, por convicções religiosas ou outras razões, possuem o pensamento de que o aborto é algo errado.

Dessa forma, ele se constitui em um aforizador, ou seja, o blogueiro retira as falas de contexto, do próprio texto, e passa a circular em outro, criando outras novas narrativas de efeito de sentido, para que

se interprete a fala de Dilma como corroborativa à prática de aborto. Em outras palavras, ao fazer esse movimento, colocam-se em cena vários implícitos, perdendo a neutralidade de sua fala e expondo-as aos leitores.

O editor modula a frase de Dilma de modo a ficar sob os auspícios da então candidata um assunto polêmico e de difícil discussão social, passando a impressão de que não há polêmica para Dilma, mas sim consenso acerca de se ter o aborto como prática ampla e irrestrita.

CORPUS 1: Recorte analítico 3



Serra: PT 'esconde' Dilma e a trata como um 'iogurte'

Fábio Pozzebom/ABr

Aproveitando-se da ausência de Dilma Rousseff, José Serra a converteu em alvo num encontro promovido por associações comerciais, em São Paulo.

Convidada, Dilma disse que iria ao evento. Mas, na última hora, deu meia-volta. "Normal", disse Serra. "O PT tem evitado ao máximo debater e se expor".

Sem mencionar o nome de sua rival, Serra insinuou que Dilma se esconde atrás de Lula.

O problema, disse ele, é que "o presidente é insubstituível. Quem ganha é quem governa. É preciso se expor mais".

Defendeu a simplificação da campanha. Disse ter sugerido um modelo alternativo em 1993:

"Cheguei a propor que nós transformássemos o horário eleitoral em uma coisa mais simples. O candidato, diante da câmera, apresentando sua proposta..."

"...É chato? É chato. Mas política é uma coisa chata. O que vamos fazer? Com isso, a gente elimina o custo e impede que o candidato sejam vendidos como iogurtes ou como um novo pão de centeio..."

"...Coisas publicitárias ou não publicitárias, como, inclusive, a ocultação do candidato. Hoje no Brasil parece uma importância grande: ocultar o que o candidato é ou deixa de ser".

De fato, as campanhas eleitorais são guiadas mais pelo marketing do que pelas ideias. Elege-se a encenação mais competente, não o melhor candidato.

Nessa matéria, a propósito, Serra não é exceção. Longe disso. Incorporou-se à regra geral.

Acusa Dilma de usar a popularidade de Lula como escudo. Mas cuida de manter no fundo do armário o aliado FHC.

No encontro de São Paulo, Serra voltou a condenar o aparelhamento do Estado, rendido, segundo disse, a "interesses privados".

Figura 5 – Serra comenta estratégia de PT com Dilma.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

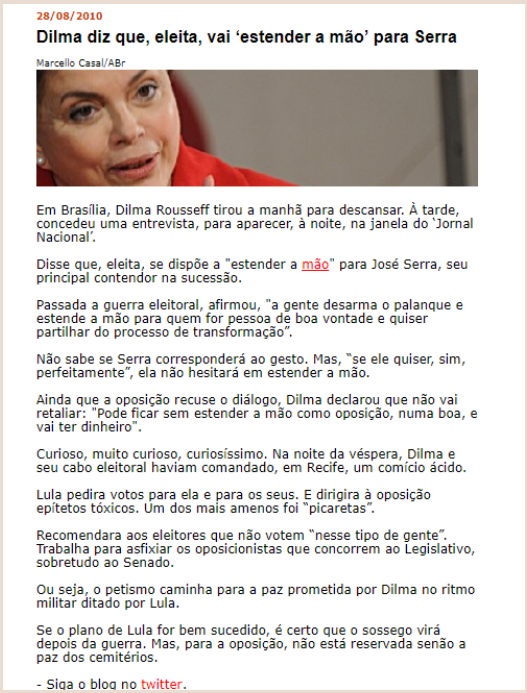
Aqui o autor destaca partes da entrevista, modificando-as para dar título à matéria. A junção das falas de Serra que resultam no título da manchete é novamente uma sobreasseveração, feita pelo aforizador do *blog*. Na primeira fala: "O PT tem evitado ao máximo debater e se expor", tem-se uma sobreasseveração que substitui "evitado" por "esconde", para gerar mais impacto no início na matéria ou, ainda, esgotar as múltiplas possibilidades de implícitos existentes na matéria. Depois, o editor ainda mostra que Serra disse que "o PT a trata como um 'iogurte'", quando originalmente Serra não disse exatamente isso. Sua declaração foi: "Com isso, a gente elimina o custo e impede que os candidatos sejam vendidos como iogurtes ou como um novo pão de centeio…".

Em sua fala, Serra está generalizando todos os candidatos; já para Josias de Souza, em aforização crescente, trata-se apenas de Dilma como um produto perecível e comprável sob demanda em prateleiras. Semelhante ao que diz Francis Fukuyama em *O fim da história e o último homem* (1992), tratando o político e a política apenas como produto e bem material a ser negociado e vendido, sem debate ideológico, como um trunfo democrático e de capital. A aforização dessa notícia evidencia o algoz certo para compreensão do leitor, posicionando-o ideologicamente, mostrando a ele também os implícitos.

Assim, essa mudança em sua fala configura-se como uma aforização secundária, pois ela se destaca do texto mobiliado pelo próprio aforizador, do contexto de destacamento (MAINGUENEAU, 2014). Ele ainda destaca algumas falas de Serra que, levando em consideração a circulação de seu *blog*, podem ter gerado o favorecimento do candidato, por exemplo, quando Serra diz: "Cheguei a propor que nós transformássemos o horário eleitoral em uma coisa mais simples. O candidato,

diante da câmera, apresentando sua proposta…" "…É chato? É chato. Mas política é uma coisa chata". Pode-se levar a crer que Serra é um candidato mais preparado e intelectual, que não tem nada a temer e não precisa de uma "publicidade eficaz", como a de Dilma. Não precisa ser moldado como um produto comercial, com embalagem vendável. Ele seria, por esse entendimento, um candidato mais autêntico.

CORPUS 1: Recorte analítico 4



28/08/2010

Dilma diz que, eleita, vai 'estender a mão' para Serra

Marcello Casal/ABr

Em Brasília, Dilma Rousseff tirou a manhã para descansar. À tarde, concedeu uma entrevista, para aparecer, à noite, na janela do 'Jornal Nacional'.

Disse que, eleita, se dispõe a "estender a mão" para José Serra, seu principal contendor na sucessão.

Passada a guerra eleitoral, afirmou, "a gente desarma o palanque e estende a mão para quem for pessoa de boa vontade e quiser partilhar do processo de transformação".

Não sabe se Serra corresponderá ao gesto. Mas, "se ele quiser, sim, perfeitamente", ela não hesitará em estender a mão.

Ainda que a oposição recuse o diálogo, Dilma declarou que não vai retaliar: "Pode ficar sem estender a mão como oposição, numa boa, e vai ter dinheiro".

Curioso, muito curioso, curiosíssimo. Na noite da véspera, Dilma e seu cabo eleitoral haviam comandado, em Recife, um comício ácido.

Lula pedira votos para ela e para os seus. E dirigira à oposição epítetos tóxicos. Um dos mais amenos foi "picaretas".

Recomendara aos eleitores que não votem "nesse tipo de gente". Trabalha para asfixiar os oposicionistas que concorrem ao Legislativo, sobretudo ao Senado.

Ou seja, o petismo caminha para a paz prometida por Dilma no ritmo militar ditado por Lula.

Se o plano de Lula for bem sucedido, é certo que o sossego virá depois da guerra. Mas, para a oposição, não está reservada senão a paz dos cemitérios.

- Siga o blog no twitter.

Figura 6 – Dilma diz que, se eleita, iria se conciliar com Serra.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

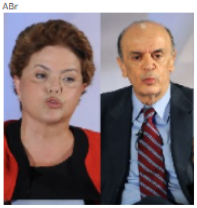
No Blog do Josias de Souza nota-se claramente como se dão as diferenças entre notícias relacionadas a candidatos do PSDB e do PT. Quando se trata de Dilma, o autor tende a não dar a palavra diretamente à candidata. Já com José Serra, geralmente, ele é mais fiel às suas citações, exceto quando suas falas são direcionadas a Dilma ou a seu partido, mesmo que de forma indireta. Essa postagem, dependendo do veículo de circulação, poderia ser dada como uma notícia que favorecesse Dilma. Todavia, a partir de uma aforização, nesse caso uma aforização primária, Josias de Souza transforma o que poderia ser visto como uma boa ação de Dilma em um gesto ruim.

É preciso esclarecer que as aforizações podem ser primárias ou secundárias. São primárias aquelas nas quais não vemos mais o elo da comunicação com o texto-fonte, e nas secundárias ainda é possível encontrar a informação no mesmo espaço do texto-fonte. Ao colocar "estender a mão" em aspas, podemos entender que isso é algo ruim. Além do mais, traz à tona novamente possíveis contradições da candidata, gerando má interpretação em seus leitores. Ademais, ele usa palavra pejorativa para referir-se a Lula, reforçando mais uma vez o lado em que está posicionado.

CORPUS 1: Recorte analítico 5

Serra: Ela 'terceirizou ataque'; Dilma: Lula 'é o líder'

ABr



Sob o impacto da peça em que Lula o acusara de partir para a "baixaria", José Serra retornou a um tema que, na véspera, refugara: o 'Fiscogate'.

Enxergou na participação de Lula no programa eleitoral não uma defesa de Dilma Rousseff, mas um ataque a ele.

Chamou sua antagonista de "candidata oculta". E disse que Dilma terceirizou a artilharia ao cabo eleitoral.

Ela promove, segundo Serra, "a terceirização dos debates e dos ataques, que incluem, agora, o presidente da República".

Disse que, a desperito de ser "presidente de todos os brasileiros", Lula "se engaja como porta-voz de uma candidata".

Uma presidenciável que, segundo disse, "não tem condição de falar por si própria nem de atacar".

Considerou "absolutamente original" que Lula o tenha acusado de recorrer à "baixaria":

"Acusar vítimas, que reclamam por terem sido vítimas, de fazer jogo baixo... O jogo baixo, da invasão, só mostra a natureza daqueles que praticam o crime..."

"...Essa é a estratégia do PT, essa é a estratégia da candidata oculta e essa é a estratégia do presidente da República enquanto pessoa física".

Serra se disse "indignado" com a notícia de que também o cadastro de seu genro, Alexandre Bourgeois, foi atacado na agência da Receita em Mauá.

Acha que o episódio "deixa mais do que claro que se trata de um trabalho de quadrilha".

A caminho de Minas Gerais, onde fará seu 14º comício ao lado de Lula, Dilma também trocou um dedo de prosa com repórteres.

Falou num hangar de Brasília, antes de embarcar no jatinho de sua campanha.

Figura 7 – Serra diz que Lula é líder de ataque.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Neste recorte analítico do *corpus* 1, já na manchete, em uma frase curta, percebe-se outra aforização secundária a respeito de Serra, referindo-se a Dilma como uma candidata manipulável e não legítima, que fica sob as rédeas de seu mentor, Lula. Observa-se, mais uma vez, um direcionamento que certamente causa má impressão para a presidenciável do PT. Tanto nessa aforização quanto em outras presentes no corpo do texto é perceptível a intenção do blogueiro ao destacar falas de Serra

para reforçar sua afirmação, manifestada desde o começo das eleições, de que Dilma não seria capaz de exercer o cargo de presidente devido à forte presença de Lula em sua campanha.

CORPUS 1: Recorte analítico 6

Dilma: 'Não respondo pelo que faz o filho de alguém'

Divulgação

Dilma Rouseff foi exibida em entrevista matinal na TV Globo. Um pedaço da conversa foi dedicado ao 'Erenicegate'.

Perguntou-se a Dilma se, depois da demissão de quatro autoridades e da exposição da parentela de Erenice Guerra, ainda considera que o caso é mero "factóide.

E ela: "A primeira denúncia dizia respeito ao filho da pessoa. Então, eu não posso ser responsabilizada pelo que faz o filho ou o parente de alguém".

Lorota. Já no nascedouro, a encrenca fora apresentada como de tráfico de influência do filho, Israel Guerra, com o aval da mãe, Erenice Guerra.

Recordou-se a Dilma que ela trabalhou sete anos com Erenice, seu braço direito. Não notou nenhuma irregularidade? E a candidata:

"Eu, até hoje, nunca vi nenhuma prova e nenhuma ação inidônea da ex-ministra Erenice..."

"...Isso não significa que, havendo denúncias, elas não tenham que ser apuradas. E eu acredito que ninguém está acima das suspeitas..."

"...Acho que tudo tem que ser apurado. Agora, eu não tenho, até hoje, nenhum conhecimento de um ato inidôneo da Erenice".

Nesse ponto, Dilma foi como que confrontada com uma contradição. A despeito da alegada falta de comprovação, demitiram-se quatro.

Insistiu-se: Nunca reparou nada? "Olha, eu não", Dilma declarou. "Eu posso dizer, sim, com absoluta franqueza, eu nunca aceitei nem nomeação de parentes nem nomeação por critérios de amizade".

Sobreveio a pergunta óbvia: Se nunca aceitou, por que aconteceu? E Dilma, dissociando-se de Erenice:

"Eu não tenho como responder por ela. Agora, acho que, até onde eu a conheci, ela era uma pessoa bastante idônea".

Mais adiante, Dilma repisou: "[...] Resta ser provado que ela tem responsabilidades. É muito perigoso a gente ficar condenando as pessoas sem ter provas".

Lero vai, lero vem enfatizou-se que Israel, o filho lobista de Erenice, admitira o recebimento de pelo menos R$ 120 mil por "serviços" prestados nas franjas do governo.

"Se ele admitiu que recebeu e se acha que aquilo é indevido, ele é culpado. Então, ele vai pagar por isso..."

"...Agora, daí a fazer qualquer relação com a minha campanha é que são outras... Quer dizer, são outros quinhentos. Porque a minha campanha não está envolvida com essa história".

Ficou entendido o seguinte: a supergestora, vendida como "mãe" de todos os êxitos do governo, acha que não tem nada a ver com Erenice, uma de suas "obras".

O marido, o irmão, os filhos e o sócio do filho de Erenice? Dilma também não se acha responsável pelo que "faz o filho ou o parente de alguém". Ainda que esse "alguém" seja cria dela.

Na campanha, Dilma refere-se à gestão Lula como "nosso governo". Leva à propaganda os principais programas da era petista. Apropria-se deles. Porém...

Porém, quando estouram malfeitos na sua Casa Civil, Dilma diz que a relação com a campanha "são outros quinhentos".

Ela aperta o botão do automático –"Nada a ver"— desvia o nariz do monturo e segue em frente. Assim fica fácil!

- ***Serviço***: Aqui, a ínetgra da entrevista.
- Siga o blog no twitter.

Escrito por Josias de Souza às 18h39

Comentários (64) | Enviar por e-mail | Permalink

Compartilhe

Figura 8 – Dilma comenta caso Erenice Guerra.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Neste recorte, a manchete inicia-se com uma sobreasseveração em que a modulação de destacamento cria uma aforização secundária, feita a partir de uma fala de Dilma: "A primeira denúncia dizia respeito ao filho da pessoa. Então, eu não posso ser responsabilizada pelo que faz

o filho ou o parente de alguém". Recorrendo a um verbo mais comum, ele substitui o verbo "responsabilizar" por "responder". Essa postagem trata de outra polêmica das eleições de 2010: o "fiscogate" ou, segundo Josias e outros meios de comunicação, o "erenicegate".

Mais um elemento destacável é: "…Agora, daí a fazer qualquer relação com a minha campanha é que são outras… Quer dizer, são outros quinhentos. Porque a minha campanha não está envolvida com essa história". Dilma busca afastar qualquer relação do escândalo com a sua campanha, enquanto Josias de Souza faz exatamente o contrário ao dizer: "Ficou entendido o seguinte: a supergestora, vendida como 'mãe' de todos os êxitos do governo, acha que não tem nada a ver com Erenice, uma de suas 'obras'".

Ele tenta mostrar que Erenice é uma "obra" de Dilma, e que a candidata também seria responsável pelos erros de Erenice e de seu filho. Mais adiante, ainda reforça: "O marido, o irmão, os filhos e o sócio do filho de Erenice? Dilma também não se acha responsável pelo que 'faz o filho ou o parente de alguém'. Ainda que esse 'alguém' seja 'cria dela'". Colocando novamente Erenice e seus familiares na conta de Dilma.

CORPUS 1: Recorte analítico 7

Dilma faz campanha no Santuário de Nossa Senhora

Joel Silva/Folha

Em tempos de eleição, a religiosidade aflora. É quando se descobre que a política está infestada de ateus.

Por sorte, é muito fácil identificar os heréticos. Estão todos nas coligações adversárias.

Nesta segunda (11), Dilma Rousseff foi ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida (SP).

Participou da missa das 9h. Percorreu o santuário. Foi ao recanto onde se encontra a imagem da santa padroeira do Brasil.

Depois, em entrevista, justificou o tom azedo que utilizara na noite da véspera, no debate com o antogonista José Serra.

"Esperavam o quê? Que eu não defendesse as minhas posições? Que eu não apresentasse as minhas propostas?..."

"...Que eu não criticasse a visão estratégica dele? Mas o debate é para isso".

Explicou as razões que a levaram a inquirir Serra sobre a tática do boato:

"Eu sempre me recusei a baixar o nível do debate. Passei quase três meses sendo acusada da quebra de sigilo fiscal..."

"...E hoje está claro que quem quebrou o sigilo fiscal foi um esquema mercantilista e corrupto dentro da Fazenda por razões não eleitorais e não políticas..."

"...Eu passei muito tempo calada sobre essas acusações, o tamanho que tinha tomado essa central organizada de boatos..."

"...Eu resolvi tornar isso algo público e compartilhar. Eu não fui na internet e não disse na forma de boato".

Durante a missa, Dilma absteve-se de comungar. Por quê? "Eu prefiro ter essa manifestação –até pode ser uma questão minha— mais recatada".

Questionada sobre sua devoção religiosa, a candidata abespinhou-se:

"Acho que ninguém tem o direito de dizer qual é a minha crença, quem pode julgar sobre crenças e religiões é Deus".

Insinuou que o câncer a aproximou do Padre Eterno: "Eu tive um processo recente e este processo me fez retomar várias coisas que estavam já dentro de mim..."

"...Essas questões dizem respeito a mim e eu não autorizo, não legitimo ninguém a julgar minha crença. Acho que isso é o cúmulo do preconceito".

Na semana passada, Dilma já havia levado sua candidatura para passear num templo religioso, no Rio.

Parece ter dificuldade para virar a página que escreve a crônica da sucessão de 2010 com caligrafia beata.

O diabo é que o histórico da ex-Dilma desautoriza a pose de vítima da candidata.

Em matéria de religiosidade, a pupila de Lula vem se revelando uma ginasta sem futuro.

Em 2007, durante sabatina na *Folha*, perguntou-se à então chefe da Casa Civil se acreditava em Deus.

E Dilma: "Eu me equilibro nesta questão. Será que há? Será que não há?"

Em 2009, numa entrevista à revista "Marie Claire", Dilma declarou que não praticava religião nenhuma.

Permitiu-se brincar: "Balançou o avião, a gente faz uma rezinha".

Em fevereiro de 2010, já na pele de pré-candidata, Dilma foi inquirida pela "Época": Uma religião específica, a senhora não tem?

Soou peremptória: "Não, mas respeito".

Decorridos três meses, em maio, já convertida em candidata, Dilma falou à "IstoÉ". Perguntou-se se era católica.

Dilma deu um salto mortal: "Sou, antes de tudo, cristã. Num segundo momento, católica".

Nesta segunda-feira, a candidata escora a "conversão" no câncer. Agora, é católica de frequentar a missa. Mas não comunga.

O melhor que Dilma tem a fazer é dar um triplo mortal carpado em direção a outro tema.

Primeiro porque a agenda carola não a socorre. Segundo porque o evangelho de uma pessoa que se dispõe a presidir o país deveria ser outro.

- Siga o blog no twitter.

Escrito por Josias de Souza às 16h27

Comentários (41) | Enviar por e-mail | Permalink #

Compartilhe

Figura 9 – Dilma se mostra religiosa.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Esta é uma postagem que traz uma notícia a respeito da candidata petista. Não há nenhum destacamento de fala no título. No entanto, ao adentrar no corpo do texto, notam-se algumas aforizações e sobreasseverações.

A matéria traz mais uma polêmica do ano das eleições de 2010, a questão da religiosidade da candidata do PT, que é o tempo todo colocada em dúvida, tornando possível identificar novamente o posicionamento do blogueiro.

Logo no início, ele deixa claro: "Em tempos de eleição, a religiosidade aflora. É quando se descobre que a política está infestada de ateus". Assim, entende-se que a religião é importante, mas para certos candidatos é só algo conveniente em época de eleição, uma vez que a grande maioria da população brasileira é cristã. Mais à frente: "Por sorte, é muito fácil identificar os heréticos. Estão todos nas coligações adversárias". Aqui Josias não deixa dúvidas quanto a sua opinião, utilizando vocabulário mais agressivo ao incluir candidata petista entre heréticos que estariam nas "coligações adversárias", nesse caso o PT.

Até mesmo os verbos que Josias de Souza usa para conceder palavras a Dilma partem desse vocabulário desfavorável. Como em: "Questionada sobre sua devoção religiosa, a candidata abespinhou-se". Ao utilizar o verbo "abespinhar", ele a pinta como nervosa, irritada, alguém sem preparação para o cargo que está disputando. Ele ainda destaca algumas outras falas da candidata:

> 'Acho que ninguém tem o direito de dizer qual é a minha crença, quem pode julgar sobre crenças e religiões é Deus'. Insinuou que o câncer a aproximou do Pai Eterno: 'Eu tive um processo recente e este processo me fez retomar várias coisas que estavam já dentro de mim…'.

Aqui ocorre mais uma aforização, pois Dilma não diz que o câncer a aproximou de Deus, fala de seu processo recente, que é sabidamente

um câncer. Neste sentido, o blogueiro coloca como direcionamento de sentidos a aproximação de Deus devido à doença. Ele ressignifica a citação, dando a entender que se não fosse o câncer ela provavelmente não teria religião. Além do mais, utiliza novamente verbos que jogam a favor do seu posicionamento, para ele, a candidata não "disse" ou "afirmou", e sim "insinuou", mais uma vez trazendo um ar duvidoso para a fala da candidata.

Em outra frase destacada: "…Essas questões dizem respeito a mim e eu não autorizo, não legitimo ninguém a julgar minha crença. Acho que isso é o cúmulo do preconceito". A candidata petista fala que as questões de religiosidade dizem respeito a ela, contudo, a interpretação de Josias de Souza, através do discurso aforizado por ele, traz memórias de aforizações primárias que perduram no tempo para desfavorecê-la. Quando ele diz: "O diabo é que o histórico da ex-Dilma desautoriza a pose de vítima da candidata" ou ainda: "Em matéria de religiosidade, a pupila de Lula vem se revelando uma ginasta sem futuro", utiliza termos pejorativos, como "ginasta sem futuro" ou termos que colocam a candidata, por ser mulher, como uma incapaz e dependente de Lula com "pupila de Lula". Além disso, está sempre apresentando duas Dilmas, usa as contradições dela para tentar derrubá-la o tempo todo.

Uma das aforizações primárias que sempre vêm à tona nos textos de Josias é a de que Dilma não acredita em Deus: "Em 2007, durante sabatina na Folha, perguntou-se à, então, chefe da Casa Civil se acreditava em Deus. E Dilma: 'Eu me equilibro nesta questão. Será que há? Será que não há?'". Ele faz da contradição passada algo permanentemente disponível, visto que recorre a ela com frequência. Desse modo, leva seus interlocutores a acreditarem que a candidata é mentirosa, hipócrita e não sustenta o que diz.

Ele resgata uma memória discursiva que foi sendo engendrada ao longo da campanha presidencial de 2010, que significa(ou) Dilma como adepta do ateísmo. Essa ideia começou a ser gestada na época da manifestação da petista acerca da questão do aborto. Dilma havia dito em entrevista: "Um governo não tem de ser contra ou a favor do aborto; ele tem de ser a favor de uma política pública". A maneira como o enunciado foi lido pela mídia gerou a constituição de uma memória sobre o ateísmo da candidata, reiterado no destaque feito pelo jornalista.

Ainda podemos destacar a importância que o texto imagético teve nessa publicação, apesar de Josias não ter utilizado a imagem em que a candidata "erra" ao benzer-se, que circulou bastante em importantes meios de comunicação, ele também explora a aforização ao citar que ela foi flagrada "errando" ao benzer-se na missa em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. Aqui, ele mostra que Dilma supostamente não conhece a liturgia católica. Atualizando a memória a partir do próprio passado da ex-presidente que, durante a Ditadura Militar, militou em grupos de esquerda vinculados aos postulados comunistas. Historicamente, existe uma desavença entre os ideais comunistas – calcados no materialismo histórico, portanto na realidade dos processos históricos das relações sociais – e as doutrinas e ideais religiosos.

Assim, surge desse "descompasso" uma certa desconfiança em relação às práticas a serem adotadas, caso a candidata fosse eleita, principalmente no que tangenciava as questões religiosas imbricadas no trato político, como a legalização do aborto.

CORPUS 1: Recorte analítico 8

26/10/2010

Serra: A campanha de Dilma usa métodos 'nazistas'

Divulgação

Em campo: no Maracanã, Serra posa contra imagem de torcida congelada na foto

José Serra concentrou sua campanha, nesta terça (26), nas regiões Sudeste e Sul. Foi, primeiro, ao Rio de Janeiro.

Visitou as obras do Maracanã, que está sendo preparado para a Copa de 2014. Disse que, eleito, dará prioridade aos investimentos para a Copa e as Olimpíadas de 2016.

Posou para foto contra um pano de fundo de torcedores. Torcedores de clubes cariocas, congelados numa foto.

Dali, cruzou os céus em jatinho particular rumo ao Sul. Na cidade gaúcha de Caxias do Sul, discursou num palanque montado pelo PMDB.

A maioria do PMDB gaúcho, partido do vice de Dilma Rousseff, Michel Temer, fechou com Serra.

O candidato tucano pespegou na campanha rival um epíteto indigesto: "Nazista". Disse que Dilma & Cia. empregam métodos à Goebels.

Como assim? Repetem à saciedade que, se eleito, Serra vai "privatizar" o pré-sal.

"Eles pegam uma coisa totalmente absurda e ficam repetindo, repetindo, repetindo... Fazem isso no melhor estilo de propaganda nazista".

Entre os pemedebês presentes, o mais ilustre era José Fogaça, candidato derrotado ao governo gaúcho. Depois dele, Germano Rigotto, derrotado na corrida ao Senado.

Figura 10 – Serra compara campanha de Dilma ao Nazismo.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2010.

Essa aforização que dá título à matéria causa grande impacto, pois o candidato presidenciável psdbista relaciona a campanha de sua rival ao regime totalitário nazista, apoiando-se em uma memória sócio-histórica, com todo peso das barbáries desse período. Para trazer um intertítulo mais chocante, Josias de Souza destaca pequenas partes das falas de Serra e as transforma. O que Serra falou foi: "Eles pegam uma coisa

totalmente absurda e ficam repetindo, repetindo, repetindo… Fazem isso no melhor estilo de propaganda nazista".

Para Goebbels, uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade. Josias explora esse aforismo para dar título ao seu texto. Ele coloca: "Serra: A campanha de Dilma usa métodos 'nazistas'", exclui parte do que foi dito e ressalta resumidamente apenas um trecho no título. A frase que veio a circular fora do texto é uma aforização secundária na qual ele amplia, mesmo que rapidamente, os direcionamentos de sentidos que podem ser dados aos seus interlocutores.

CORPUS 2: Recorte analítico 9

A cada 4 anos, Deus opera milagres em Dilma

27

Josias de Souza 08/08 | 04:02

Recomendar 4,4 mil

Uma semana depois de prestigiar a inauguração do Templo de Salomão, da igreja Universal, Dilma Rousseff participou, nesta sexta, do encerramento de um congresso da Assembléia de Deus. Brindou os presentes com comentários como esse: "O Brasil é um Estado laico, mas, citando um salmo de Davi, eu queria dizer que feliz é a nação cujo Deus é o Senhor."

Disse coisas assim: "Eu acredito naqueles que creem e no poder da oração. Na Bíblia, está escrito que a oração de um justo pode muito em seus efeitos. Não se esqueçam de orar por mim. Eu estarei contando muito com isso. Quero dizer também para vocês que todos os dirigentes desse país dependem do voto do povo e da graça de Deus. Eu também."

Confirma-se em 2014 algo que os brasileiros haviam percebido em 2010: perto das urnas, a religiosidade de Dilma cresce. Surge no íntimo da ex-guerrilheira uma beatice insuspeitada. O velho materialismo dialético cede espaço ao redivivo poder divino. Depois de renovar seus laços com Lula, a ex-devota de Marx achega-se a Deus!

Certas conversões estimulam a suspeita. Há pessoas que falam em Deus com tal convicção que a plateia fica tentada a acreditar que Ele não existe. Ou não merece existir. Bobagem. Deus já não é *full time*. Mas aparece de quatro em quatro anos. Ele está em toda parte. Numa eleição em que o desempenho do pastor Everaldo pode provocar o segundo turno, Deus está até na alma de Dilma Rousseff.

Figura 11 – As mudanças de Dilma em época de eleição.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Após três anos da eleição em que disputaram Dilma e Serra, uma onda de protestos atingiu todo o país a partir de movimentos como o Movimento Passe Livre (MPL), que ganharam grande força com advento dos dispositivos de comunicação pela Internet. Em 2013, protagonizaram manifestações contra, inicialmente, um aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus em algumas capitais brasileiras. A partir daí, vê-se a crescente e notável participação da Internet em momentos importantes para a sociedade. Além disso, as redes sociais passaram a ser mais exploradas com fins políticos e textos perdem espaço para a utilização de vídeos. Por isso, os *corpora* de 2014 estão em menor número que os de 2010.

Alguns acontecimentos marcaram a campanha eleitoral de 2014, sobretudo no primeiro turno, com o falecimento do candidato à presidência pelo PSB, Eduardo Campos. O avião em que o candidato viajava caiu na cidade de Santos, São Paulo. A tragédia fez com que as eleições percorressem caminhos diferentes, pois Marina Silva entrou no lugar de Eduardo.

Nesse momento, a disputa que antes era acirrada entre Dilma, Eduardo e Aécio passou a ser mais dura principalmente entre Dilma e Marina Silva, deixando Aécio com o terceiro lugar. Entretanto, com o passar das eleições, nos momentos finais do primeiro turno a campanha de Silva acabou "desidratando" e abriu espaço para Aécio Neves[7].

Agora, o ódio era maior ainda. Depois de Dilma já ter sido eleita e estar concorrendo a uma reeleição, alguns veículos de comunicação se tornaram ainda mais assíduos na busca por desestabilizar a candidata.

7 Lembrando que o candidato tucano, na época, cogitou até mesmo retirar a candidatura devido ao seu fraco desempenho até os momentos finais da campanha de primeiro turno.

Josias não fez diferente. Na postagem do início de agosto de 2014, ele retoma o boato sobre o ateísmo de Dilma. De maneira debochada, o blogueiro dá título à sua publicação utilizando uma aforização primária, como se saltasse para fora do texto com a intenção de chamar a atenção. Em outro trecho destaca a seguinte fala da candidata à reeleição: "O Brasil é um estado laico, citando um salmo de Davi, eu queria dizer que feliz é a nação cujo Deus é o Senhor". Ao fazer isso, o autor pretende reforçar o que vem pontuando desde 2010, que para ele Dilma é uma política contraditória e que quase sempre existem incoerências em suas falas. Portanto, ela não é digna do cargo que disputa.

Com o trecho "Confirma-se em 2014 algo que os brasileiros já haviam percebido em 2010: perto das urnas a religiosidade de Dilma cresce", ele reforça novamente o boato de ateísmo. Há uma tentativa de mostrá-la como uma interesseira, como se ela se aproximasse de Deus perto das eleições apenas com intuito de conquistar os votos do povo cristão.

Em outro excerto do texto "o velho materialismo dialético cede espaço ao redivivo poder divino. Depois de renovar seus laços com Lula, a ex-devota de Marx achega-se a Deus!" o blogueiro, além de corroborar com a ideia de que Dilma é ateia e contraditória, lembra que ela tem/teve ideais baseados na teoria de Marx. Isso pode ser visto como algo ruim por parte de seus (e)leitores, levando em consideração que a maior parte da população do país possuí princípios católicos e que existe uma certa incompatibilidade entre comunismo e religião.

CORPUS 2: Recorte analítico 10

Aécio: PT tem insônia com as petro-revelações

39

Josias de Souza 21/09/2014 | 03:57

Compartilhe

Imprimir Comunicar erro

A delação de Paulo Roberto Costa transformou a Petrobras num pesadelo do qual o petismo tenta acordar. Ante a notícia sobre o envolvimento de mais dois ex-diretores no escândalo, Aécio Neves acha que os correligionários de Dilma Rousseff vão dormir cada vez menos.

"Se esse Paulo Roberto Costa já está deixando todo mundo sem dormir, quando chegarem próximo desse diretor conhecido como Duque, acho que muita, mas muita gente, principalmente do PT, vai ter grave insônia." Disse isso após carreata em Minas. Referia-se a Renato Duque. Vem a ser um ex-diretor da Petrobras, diretoria de Serviços da Petrobras, sob apadrinhamento do PT.

Figura 12 – Aécio comenta os escândalos de corrupção envolvendo o PT.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Nesse recorte analítico do *corpus* 2, nota-se novamente que Josias tende a ser mais fiel às falas dos seus candidatos. No texto, é Aécio quem tem a palavra e o editor-blogueiro modula uma das falas dele para conceder o título da matéria. Isso resulta em outra sobreasseveração, agora de destacamento fraco, já que se mantém condizente ao corpo do texto. A fala inicial de Aécio era: "Se esse Paulo Roberto Costa já está deixando todo mundo sem dormir, quando chegarem

próximo desse diretor conhecido como Duque, acho que muita, mas muita gente, principalmente do PT, vai ter grave insônia".

No título Josias trouxe: "Aécio: PT tem insônia com as petro-revelações". Ele coloca como se os petistas já estivessem sofrendo de insônia, quando Aécio havia dito que eles ainda teriam, provavelmente, em um futuro próximo. Além disso, ele utiliza o termo "petro-revelações" que pode ser visto como pejorativo, já que ele torna-se ambíguo ao ser entendido não apenas como as revelações que vinham acontecendo no setor petrolífero, mas também como revelações por parte dos petistas. Ele ainda desconsidera que Aécio não estava falando apenas de um partido, exclui a parte "principalmente do PT" e coloca em uma pequena frase que apenas os petistas teriam insônia grave, dando a entender que a participação nesses esquemas era exclusiva deles.

Ao ampliar o sentido das frases, ele cria outras interpretações para seus leitores, buscando desestabilizar novamente o Partido dos Trabalhadores e a candidata Dilma Rousseff. Ao observar rapidamente a postagem ainda pode-se notar que até mesmo a imagem de Aécio o favorece: em plano aberto, o candidato está em uma carreata com muitos eleitores ao fundo, as cores do seu partido estão em destaque e ele aparenta estar feliz e sorrindo. Situação diferente das imagens escolhidas da candidata do PT, que geralmente são fotos somente de rosto com expressões tensas e de preocupação. Portanto, entendemos que a composição de suas postagens vai além dos textos e a soma de vários fatores resulta em determinadas interpretações.

CORPUS 2: Recorte analítico 11

Petrobras: delação faz Dilma exagerar no teatro

Josias de Souza 22/09/2014 | 05:16

Compartilhe Imprimir Comunicar erro

Sob a alegação de que precisa de "informações oficiais" para tomar providências, Dilma Rousseff exige receber uma cópia dos depoimentos do delator Paulo Roberto Costa. Requereu os papeis à Polícia Federal. Nada feito. Reiterou o pedido ao procurador-geral da República Rodrigo Janot. Nem pensar. Anunciou que baterá à porta do gabinete do ministro Teori Zavascki, que cuida do caso no STF. Qualquer resposta diferente de um categórico indeferimento será absurda.

Como presidente da República, Dilma é parte do problema, não da solução. Como candidata à reeleição, ela é devedora de explicações, não credora de informações. Pode começar explicando à plateia por que fala em adotar agora, sob pressão, providências que não adotou antes por opção.

Bom, muito bom, ótimo! Agora só falta Dilma reconhecer que a corrupção é igual aos esportes coletivos. É como o futebol. Ou o vôlei. O sujeito pode ser supertalentoso, mas não marca gol, não faz o ponto sozinho. Tem toda uma engrenagem por trás do lance: a agremiação, o preparador físico, o massagista, o técnico e, mais importante, o time em ação, armando toda a jogada que resultará no chute ou na cortada indefensáveis.

Na corrupção é igualzinho. O governo se autodefine como "de coalizão", reparte até as diretorias da Petrobras com os pseudoaliados, esquece as mais elementares noções de recato, confunde a atividade pública com a privada... Enfim, arma toda a jogada. O corrupto apenas pratica a corrupção.

Assim como Lula não teve culpa no mensalão que a bancada da Papuda organizou sob suas barbas, Dilma não tem nada a ver com o óleo derramado embaixo do seu nariz. Ela era ministra e presidia o Conselho de Administração da Petrobras quando o governo levou a estatal ao balcão. Mas não teve nada a ver com isso. Empossada no Planalto, manteve o hoje delator Paulo Roberto Costa no comando de bilionários contratos por mais um ano e quatro meses. Mas não tem nada a ver com os 3% de propina, dos quais 2% pingaram na caixa registradora do PT.

Se perguntarem a Dilma quem são os responsáveis pelos roubos, ela dirá: os outros. Grande time esse: os outros. Tida como durona e centralizadora, a *presidenta* fala do grande flagelo da política nacional como se fosse 100% feito por outros. Os responsáveis por tudo são seres impalpáveis. Podem ser os despudorados do PT, os desclassificados do PMDB, os desavergonhados do PT, até os espertalhões do PSDB talvez... Todos, menos a dona da caneta, menos a senhora do Diário Oficial. Fica boiando na atmosfera quente e seca de Brasília uma indagação intrigante: que foi feito dos espelhos do Palácio da Alvorada?

Imprimir Comunicar erro

Figura 13 – Dilma acusada de encenar no caso de delações.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Nesta postagem de setembro de 2014, momento em que a Operação Lava Jato ganhava cada vez mais visibilidade, Josias tenta o tempo todo colocar Dilma e o ex-presidente Lula como responsáveis pelo escândalo. Segundo o *site* Brasil de Fato[8], essa operação investiga um esquema de propina e lavagem de dinheiro que envolve políticos, empresários, funcionários de estatais e operadores financeiros de todo o país.

8 Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/especiais/especial-cobertura-da-operacao-lava-jato/. Acesso em: 15 out. 2018.

Josias abre o *post* com a seguinte chamada: "Petrobras: delação faz Dilma exagerar no teatro", colocando a candidata como uma atriz, falsa e exorbitante. Mais à frente, de maneira hostil, escreve: "Como presidente da República Dilma é parte do problema não da solução, como candidata à reeleição, ela é devedora de explicações, não credora de informações". Mais uma vez a responsabiliza e pede que dê explicações.

Ao longo do texto segue disparando críticas a Dilma, chamando-a de "gerentona inventada por Lula" e de forma gozada ainda diz que ela sempre "jactou-se" das maravilhas do setor petrolífero. Em outro excerto: "Se a estatal virou essa bomba que ameaça explodir no seu colo, Dilma só pode culpar o antecessor e a si mesma. Ou a quem colocou ou permitiu que ficasse no comando". Outra vez transfere a culpa da operação para Dilma e Lula e, mais do que isso, critica os (e)leitores da candidata e demais pessoas que permitiram que ela permanecesse no poder.

É possível notar que falta fidedignidade ao jornalista com relação a seus opositores. É muito clara a ocultação de informação e dizeres de Dilma, pois ele não mostra o que ela de fato diz, sempre traz sua própria interpretação, tornando-se um aforizador.

CORPUS 2: Recorte analítico 12

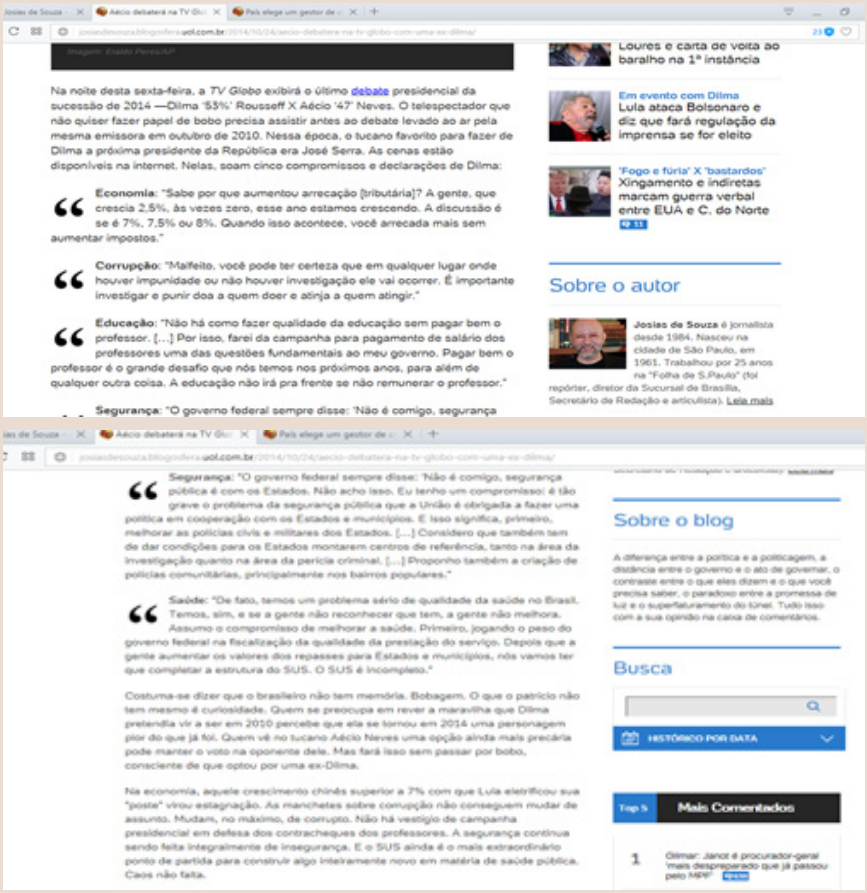


Figura 14 – Destaques do Blog.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Desde 2010, alguns canais da mídia tentavam construir uma imagem negativa de Dilma Rouseff para determinada parcela da população.

Mostravam a candidata à reeleição como uma ateia favorável ao aborto, o que a colocava, por vezes, em situação desfavorável. Portanto, ao se referir à petista como uma "ex-Dilma", Josias faz uma aforização secundária, já que não é totalmente sem nexo dizer isso, tendo em vista toda a imagem construída ao longo dos anos. As aforizações secundárias trabalham com um contexto-fonte e um contexto de recepção, por isso se encaixaria nessa situação.

Em um dos trechos, Josias diz: "o telespectador que não quiser fazer papel de bobo precisa assistir ao debate levado ao ar pela mesma emissora em outubro de 2010". Ele coloca o (e)leitor de seu *blog* e também de Dilma como sendo um "bobo" – para não o ser, basta não votar em nela. Depois, retoma algumas promessas da candidata em 2010 e afirma que não foram cumpridas, colocando-a novamente como uma falsa, mentirosa.

Quando escreve: "Quem vê no tucano Aécio Neves uma opção ainda mais precária pode manter seu voto na oponente dele. Mas fará isso sem passar por bobo, consciente de que optou por uma ex-Dilma", deixa claro novamente que o eleitor de Dilma é bobo e, por vezes, cego, já que não percebe o que ele considera como os "erros" da candidata.

CORPUS 2: Recorte analítico 13

No último dia do horário eleitoral, Dilma Rousseff viu-se compelida a usar sua propaganda para tentar vacinar-se contra a notícia de capa da revista Veja. A candidata oficial tachou de "terrorismo" a acusação atribuída ao doleiro Alberto Youssef de que ela e Lula sabiam do esquema de corrupção na Petrobras.

"Não posso me calar frente a esse ato de terrorismo eleitoral articulado pela revista 'Veja' e seus parceiros ocultos. Uma atitude que envergonha a imprensa e agride a nossa tradição democrática", vociferous Dilma. "Sem apresentar nenhuma prova concreta e mais uma vez baseando-se em supostas declarações de pessoas do submundo do crime a revista tenta envolver diretamente a mim e ao presidente Lula nos episódios da Petrobras, que estão sob investigação da Justiça" (assista acima).

Apinhada de depoimentos de apoio, inclusive do craque Neymar, a propaganda de Aécio Neves não tratou do tema (assista abaixo). Mas o candidato tucano convocou uma entrevista para dizer que considerou "extremamente graves" as revelações. Insinuou que a campanha de Dilma em 2010 foi azeitada por verbas sujas.

"Hoje a revista 'Veja' reproduz um trecho do depoimento do doleiro Alberto Youssef que diz que a presidente da República e o ex-presidente Lula sabiam do esquema de corrupção na Petrobras", disse Aécio. "Se comprovado, é a prova de que houve caixa dois nessa campanha." Na noite desta sexta, Aécio e Dilma travarão na *Globo* o último debate da temporada. Pelo jeito, vai sair faísca.

Figura 15 – Dilma fala em terrorismo de Revista.
Fonte: Blog do Josias de Souza, UOL, 2014.

Nesta postagem de outubro de 2014, já na reta final do segundo turno das eleições, Josias de Souza retira a manchete de uma fala de Dilma, no entanto, ele não é fiel ao que foi dito. No título: "Dilma diz que revista pratica terrorismo eleitoral", já o que ela falou foi: "Não posso me calar frente a esse ato de terrorismo eleitoral articulado pela revista 'Veja' e seus parceiros ocultos".

Em tese, segundo a teoria das frases sem textos, Josias faz uma modulação na fala de Dilma e cria um dizer sobre o outro dizer. Sendo assim, faz uma sobreasseveração por destacamento fraco, tendo em vista que ainda há alguma relação entre o título da matéria e o corpo do texto. Ao afirmar que a candidata do PT disse que a revista pratica terrorismo eleitoral, o blogueiro exclui parte de sua fala, como "não posso me calar" ou "articulado pela revista 'Veja' e seus parceiros ocultos". Quando tenta se defender de determinada situação, Dilma é constrangida, pelo menos neste *blog* e em alguns outros veículos de comunicação. Além disso, o editor-blogueiro opta por não colocar o nome da revista 'Veja' no título, levando a crer que há algum motivo para a preferência de desconsiderar tal informação.

Mais abaixo, Josias achou relevante destacar que a propaganda de Aécio Neves estava "cheia" de depoimentos de apoio, até mesmo do jogador brasileiro Neymar. "Apinhada de depoimentos de apoio, inclusive do craque Neymar". Apesar de não ser especialista em política, o jogador é um jovem ídolo para muitos brasileiros e, apelando para essa autoridade, o autor cria em seus (e)leitores simpatia ou favorecimento para Aécio. Além do mais, destacou outro momento Aécio que o favorece, em que diz que a campanha de Dilma em 2010 foi paga com verbas sujas.

Para finalizar, no seguinte trecho: "'Hoje a revista 'Veja' reproduz um trecho do depoimento do doleiro Alberto Youssef que diz que a presidente da República e o ex-presidente Lula sabiam do esquema de corrupção na Petrobras', disse Aécio. 'Se comprovado, é a prova de que houve caixa dois nessa campanha'" ele reforça que, a seu ver, as acusações são verídicas e ainda repassa outra fala de Aécio que desfavorece o lado petista. Em um momento de reta final da eleição 2014, é claro que todos os destacamentos e "destextualizações" foram muito bem pensados para favorecer quem o blogueiro apoiava. Por isso, faz-se necessário compreender a teoria das frases sem textos e captar o que Dominique Maingueneau oferece para entender melhor os enunciados que a mídia constrói em tempos como esse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de iniciação científica se propôs a analisar como autores de *blogs* políticos destextualizam as falas de seus enunciadores em seus contextos e cotextos originais, submetendo-as ao regime enunciativo da aforização, uma forma enunciativo-discursiva específica de realizar esse gesto, de acordo com o teórico francês Dominique Maingueneau (2010, 2014).

Especificamente, foi analisado o papel que um determinado *blog* exerceu nas eleições presidenciais de 2010 e 2014. Dessa forma, o *corpus* do estudo foi o Blog do Josias de Souza, hospedado no *site* UOL, durante as eleições de 2010 e 2014, já que ele foi um dos mais acessados ao longo desses períodos.

O papel desempenhado por esse *site* foi muito importante nas eleições, principalmente devido a seus posicionamentos bastante marcados, os quais quase sempre desestabilizaram um lado em detrimento do outro. O jornalista fez isso através de jogos de linguagem, aforizações, sobreasseverações, destacamentos etc.

Josias de Souza estava sempre recorrendo à memória, ou ainda, às aforizações primárias e secundárias, para enfraquecer majoritariamente as candidaturas petistas. Tal fato foi ficando claro ao longo da pesquisa e das análises realizadas.

Como já foi dito anteriormente, a prática de recortar enunciados e colocá-los em circulação (de modo primário ou em variantes) elabora percursos e caminhos de leitura/interpretação a serem feitos pelos leitores – sobretudo os que são também eleitores. Esse ato pode influenciar, direta ou indiretamente, nos rumores públicos, como aconteceu nas eleições de 2010 e 2014.

Tanto 2010 quanto 2014 foram anos cheios de polêmicas políticas, nas quais o *blog* não se isentou em se engajar, e que eram bastante alimentadas em alguns canais de comunicação. As duas eleições percorreram caminhos parecidos, com discussões semelhantes e segundo turno influenciado pelas polêmicas, bem como resultados "iguais", uma vez que apesar de tudo, Dilma Rousseff foi eleita em ambas.

Desde 2010, talvez até mesmo antes, o Blog do Josias e outros veículos de comunicação tentavam colocar Dilma como adepta ao ateísmo e favorável ao aborto, o que para a sociedade brasileira majoritariamente cristã é visto como algo ruim. Tentavam apontar uma suposta homossexualidade da candidata, enquanto mostravam outros candidatos,

ligados ao universo masculino, como superiores, intelectuais e muito mais preparados do que ela. Nas análises, observamos esses movimentos de estratégia política, principalmente ao antagonizar Dilma e candidatos tucanos, feitos a partir das destextualizações de suas falas, aforizações etc.

Dilma, mulher, ex-guerrilheira e que já havia sido ateia: exploravam muito esses dados e a colocavam como incapaz por ser mulher, como uma 'lulodependente', alguém que não tinha capacidade para governar o Brasil, buscando esvaziar sua campanha política.

Por meio deste estudo, foram apresentados e compreendidos dados políticos das eleições de 2010 e 2014 não vistos comumente. Mostrando que, com uma simples substituição ou exclusão de uma palavra e com o destacamento de frases colocadas a circular em contextos e cotextos diferentes, podem-se criar interferências interpretativas e influenciar os fatos sociais.

Consideram-se essas práticas da nova mídia como responsáveis pelo engendramento dos turnos eletivos, pois ao construir/reforçar polêmicas, os aforizadores (no caso em estudo, Josias de Souza) criam percursos interpretativos para os seus leitores e, na maior parte das vezes, atingem os seus objetivos. Além disso, percebeu-se que Internet mudou o cenário midiático, pois a ferramenta que até poucos anos atrás não era muito usada para esses fins, a partir de 2010, obteve um protagonismo maior nas campanhas políticas. Ou seja, deixou de ser um espaço e/ou plataforma de divulgação e debate político secundário e passou a ser privilegiado e sofisticado, porque incorpora todas multimodalidades do discurso político.

Ainda há muito a se pesquisar no campo da Análise de Discurso, principalmente na nova e cada vez mais popular plataforma de Internet, os *blogs*. Espera-se que, ainda que minimamente, esta pesquisa tenha contribuído científica e socialmente para os trabalhos vindouros.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Comunicação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FUKUYAMA, F. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola, 2014.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2008.

Leitura recomendada

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PRIMO, A. Os blogs não são diários online: matriz para a tipificação da blogosfera. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, p.122-128, 2008.

PRIMO, A. F. T.; SMANIOTTO, A. M. R. Blogs como espaços de conversação: interações conversacionais na comunidade de blogs insanus. **E-Compós**, v. 1, n. 5, p. 1-21, 2006. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/conversacao.pdf. Acesso em: 10 mar. 2018.